

## ELEVAÇÃO E PRECE EM THEODEMIRO TOSTES

Gláucia Nascimento da Luz Pires

Theodemiro Tostes, como poeta ligado ao movimento simbolista, é uma figura pouco conhecida. Sua obra literária, no campo da poesia, compreende apenas dois livros significativos: "A CANÇÃO PRELUDIADA" e "NOVENA À SENHORA DA GRAÇA". Esta segunda obra, poema em nove cantos que foram musicados, na época, por Luís Cosme, insere-se na temática "prece e elevação" do simbolismo. Poema-prece, Novena à Senhora da Graça é uma expressiva manifestação de lirismo de Theodemiro Tostes e da literatura simbolista do Rio Grande do Sul. Sua leitura, pela extensão e pela beleza, enquadra-se na ordem das leituras que o poeta considerava ideal: "a que se lê numa hora e se pode reler todos os dias" (1). \*

O lirismo de Theodemiro Tostes transparece em Novena à Senhora da Graça a partir do título, que conduz o leitor a uma paisagem mística, cheia de enlevo e candura, onde a alma do poeta se expande na exaltação à Senhora da Graça em versos que lhe brotam espontaneamente do coração. Inseridos no temário "prece e elevação" do simbolismo, estão cheios de um sabor místico que transforma a prece em exaltação e a elevação num enlevo.

Os poemas que compõem a Novena conservam aquela musicalidade que persiste no verso e que Luís Cosme transportou para a partitura. A harmonia que se desprende dos nove cantos, elabora-

(1) Theodemiro Tostes, Pequeno Guia da Poesia Portuguesa, Posfácio.

\* O algarismo romano que acompanha as citações no corpo do presente trabalho é indicativo do n.º do poema, de vez que o livro não é paginado e os poemas não têm título.

das em verso livre, traduz em metáforas delicadas um lirismo tênué, sutil, bucólico, que lembra as cantigas de roda infantis:

"Vamos colher a vida que passa,  
numa ronda ingênua, meu amor.  
Vamos colher a nossa vida,  
como o perfume que se bebe  
na taça leve de uma flor.  
Anda a roda, desanda a roda, da nossa vida, do nosso amor..."

(VI)

Cada poema é um sugestivo quadro onde se registram os sentimentos do poeta relativos à sedução da paisagem e que o motivaram a cantar, tal como o artista que põe a descoberto a variada gama de sentimentos e emoções no conjunto dos quadros que pinta. No autor de Novena, a paisagem se reveste de variados matizes, e em cada um se reflete a alma do poeta. Mas, se a música é uma constante a harmonizar a paisagem e se a paisagem ganha os tons que lhe empresta a emoção, é o amor que dá a constante lírica ao seu canto:

"E a primavera, tarde ou cedo,  
chega num gesto, num sorriso  
ou numa palavra de amor."

(VII)

Novena canta o amor. A Senhora da Graça é sua inspiração, o amor se faz devoção, e se o poeta põe tanta ternura no canto é para enaltecer a Senhora, a "Mãe Alegria", aquela que visitada pelo Arcanjo pronunciou o SIM que abriu para toda a humanidade as portas da esperança:

"Senhora cheia de graça, glória a ti que és toda bela!"

(VIII)

É preciso, portanto, olhar no poema aquele aspecto paralitúrgico que enche de misticismo os cantos, transformando-os em prece. O autor transporta o leitor de seus versos para o ambiente religioso de Novena, onde o coração não tem somente vontade de cantar mas necessidade de rezar:

"O pão nosso de cada dia  
dá-nos sempre, Mãe Alegria!"

(III)

Nesse quadro, quase litúrgico, revelam-se as diversas atitudes do poeta, como autor e como participante do ambiente místico de Novena, onde canção e prece se confundem. Ele canta pela alegria de cantar, canta pela necessidade de exaltar a "Senhora cheia de graça":

"..... Senhora toda pura,  
clara bênção de amor descida sobre mim."

(III)

— Atitude de respeito e admiração ante a grandeza da limpidez cristalina da alma e da vida da Senhora; a admiração é tanta que o poeta, desejando cantá-la "com a música mais pura", fica "parado, e hesitante",

"como quem que tem sede, e junto à sanga fresca  
sente que vai turvar a limpidez da água."

(I)

— Atitude de recolhimento, quietude e prece confiante junto àquela que é "retiro" para o seu "cansaço":

"Rezo, de mãos erguidas para a luz..."  
"..... uma oração diante da vida."

(III)

— Atitude de reconhecimento e gratidão para com a "Samaritana" que lhe matou a sede, e que fez brotar da hora ressequida e inutilmente vivida a rosa de esperanças e promessas:

"Ó meu amor, eu já te conhecia"  
..... quando chegaste  
na hora da vida que passava inutilmente  
como uma rosa que murcha na haste."

(II)

— Atitude de esperança diante da vida:  
"Há sempre em nós um broto verde que espera a graça  
de uma flor."

(VI)

— Atitude de reconforto de alguém que vê transformando seu desânimo numa canção de alegria:

"Eu olhava desencantado a paisagem do desencanto,  
quando a tua voz cantou no meu ouvido..."



(VI)

— Atitude de regozijo e contentamento que faz o poeta cantar extasiado, na claridade matinal:

"Eu sou feliz! Eu sou feliz!"

(IV)

— Atitude de louvor à beleza da Senhora, aos lábios que pronunciaram o FIAT da salvação, aos olhos que lhe purificaram a alma:

"Glória a ti, que és toda bela!  
Glória aos lábios que disseram a palavra mais suave,  
e aos teus olhos de água limpa onde os meus olhos se abeberam"

(VIII)

— Atitude de prece humanitária voltada para o irmão, que a seu lado é digno de comungar da alegria e doçura da vida, da água, do pão. Aqui o poeta é o novo S. Francisco a distribuir a generosidade do seu coração sobre os irmãos que sofrem:

"Nunca uma gota amarga amargue a nossa boca,  
nem a do irmão sedento que nos pede de beber."

(III)

— Atitude de bem-aventurança, pois seus olhos viram "o que os outros não viram", e suas mãos "receberam a oferenda", sua voz teceu louvores; a tristeza se converteu em doçura, e "a água límpida e boa do regato mais claro" que o poeta bebeu, "pôs canções cheias de sol" em sua boca, "sóis nascentes" em seus olhos.

(V)

— Atitude de criança na Senhora, na vida e no amor:  
"Creio no amor que é forte como a vida"

(V)

Os cantos sétimo e nono atingem a culminância lírica. A alma do poeta, palco das mais estranhas sensações, vive um momento estático da "volúpia" espiritual, fruto de uma conversão de alguém que entre tristezas, alegrias, desânimos, esperanças, sede, "canto dos repuxos", penetra no "jardim suave" onde tudo assume um

valor novo: "A vida cabe como um fruto maduro em nossas mãos", usufruído na volúpia da paisagem. (VII)

E assim chegamos, com o poeta, à apoteose do último canto, uma Aleluia que irrompe espontânea de sua alma e fica suspensa na paisagem. A natureza, despertando da quietude, adquire movimento e vida, é sacudida por uma estranha brisa que perpassa pelo campo e por sua alma:

"A minha alma está vestida de verdura!  
Flui a água feliz na relva mole  
e o vento acaricia as rosas nuas"

(IX)

Tempo de maturação plena, a paisagem espiritual, cantada num místico bucolismo, é agitada por um ressuscitar de todas as suas energias, vigança bucólica após uma longa estiagem lírica:

"Setembro encheu de passarinhos a árvore de minha vida."

(IX)

A nova estação banhou de sol seus olhos, deu-lhe a provar o vinho, fez reverdecer os gomos nos canteiros orvalhados:

"Canto aleluia, e nos meus olhos amanhece,  
.....  
Sinto dentro de mim o sangue de setembro,  
um cheiro bom de terra úmida de orvalho,  
a humildade do chão e a pureza da luz."

(IX)

É toda sua alma que se levanta para vibrar, com sua voz, o Aleluia da exaltação: "A minha alma está cantando!"

(IX)

A lírica de Theodemiro Tostes, em Novena à Senhora da Graça, é uma condensação de figuras que revelam um fino gosto, imaginação delicada e riqueza de expressão poética. A mescla de sentimento profano-religioso: "O travo da tristeza que eu provara deu mais doçura ao gozo que me deste / quando eu bebi no cântaro de barro — suave e fresco como a polpa dos teus lábios" faz com que uma nota de ambiguidade dê à sua poesia uma configuração simbolista, unida aos motivos que nomeia e às figuras que suscita.

(VI)

— Atitude de regozijo e contentamento que faz o poeta cantar extasiado, na claridade matinal:

"Eu sou feliz! Eu sou feliz!"

(IV)

— Atitude de louvor à beleza da Senhora, aos lábios que pronunciaram o FIAT da salvação, aos olhos que lhe purificaram a alma:

"Glória a ti, que és toda bela!  
Glória aos lábios que disseram a palavra mais suave,  
e aos teus olhos de água limpa onde os meus olhos se abeberam"

(VIII)

— Atitude de prece humanitária voltada para o irmão, que a seu lado é digno de comungar da alegria e doçura da vida, da água, do pão. Aqui o poeta é o novo S. Francisco a distribuir a generosidade do seu coração sobre os irmãos que sofrem:

"Nunca uma gota amarga amargue a nossa boca,  
nem a do irmão sedento que nos pede de beber."

(III)

— Atitude de bem-aventurança, pois seus olhos viram "o que os outros não viram", e suas mãos "receberam a oferenda", sua voz teceu louvores; a tristeza se converteu em doçura, e "a água límpida e boa do regato mais claro" que o poeta bebeu, "pôs canções cheias de sol" em sua boca, "sóis nascentes" em seus olhos.

(V)

— Atitude de criança na Senhora, na vida e no amor:  
"Creio no amor que é forte como a vida"

(V)

Os cantos sétimo e nono atingem a culminância lírica. A alma do poeta, palco das mais estranhas sensações, vive um momento estático da "volúpia" espiritual, fruto de uma conversão de alguém que entre tristezas, alegrias, desânimos, esperanças, sede, "canto dos repuxos", penetra no "jardim suave" onde tudo assume um

valor novo: "A vida cabe como um fruto maduro em nossas mãos", usufruído na volúpia da paisagem. (VII)

E assim chegamos, com o poeta, à apoteose do último canto, uma Aleluia que irrompe espontânea de sua alma e fica suspensa na paisagem. A natureza, despertando da quietude, adquire movimento e vida, é sacudida por uma estranha brisa que perpassa pelo campo e por sua alma:

"A minha alma está vestida de verdura!  
Flui a água feliz na relva mole  
e o vento acaricia as rosas nuas"

(IX)

Tempo de maturação plena, a paisagem espiritual, cantada num místico bucolismo, é agitada por um ressuscitar de todas as suas energias, vigança bucólica após uma longa estiagem lírica:

"Setembro encheu de passarinhos a árvore de minha vida."

(IX)

A nova estação banhou de sol seus olhos, deu-lhe a provar o vinho, fez reverdecer os gomos nos canteiros orvalhados:

"Canto aleluia, e nos meus olhos amanhece,  
.....  
Sinto dentro de mim o sangue de setembro,  
um cheiro bom de terra úmida de orvalho,  
a humildade do chão e a pureza da luz."

(IX)

É toda sua alma que se levanta para vibrar, com sua voz, o Aleluia da exaltação: "A minha alma está cantando!"

(IX)

A lírica de Theodemiro Tostes, em Novena à Senhora da Graça, é uma condensação de figuras que revelam um fino gosto, imaginação delicada e riqueza de expressão poética. A mescla de sentimento profano-religioso: "O travo da tristeza que eu provara deu mais doçura ao gozo que me deste / quando eu bebi no cântaro de barro — suave e fresco como a polpa dos teus lábios" faz com que uma nota de ambiguidade dê à sua poesia uma configuração simbolista, unida aos motivos que nomeia e às figuras que suscita.



Os versos de Novena, tão distantes daquele subjetivismo deprimente e torturado dos simbolistas ortodoxos, são de uma ductilidade que passagiam um bucolismo moderno, e que situam o seu autor como um poeta de transição.

## ANTOLOGIA

### II

Quantas passaram pelo meu caminho  
levando ao ombro o cântaro de barro,  
e nenhuma desceu para o meu lábio ardente  
o lábio fresco e doce do seu vaso.

Quantas passaram como os dias sem vestígio,  
muito antes de ti, Samaritana,  
e nunca a minha voz disse a palavra amarga  
e as minhas mãos sempre tiveram gestos mansos.

Na solidão iluminada do meu sonho  
eu estava pensando em mim quando chegaste,  
na hora da vida que passava inutilmente  
como uma rosa que murcha na haste.

Ó meu amor, eu já te conhecia,  
porque estava pensando em mim quando chegaste!

### III

Retiro fresco de sombra  
para o meu cansaço,  
tapete macio de grama  
sob os meus passos.

Banhei meus olhos na inocência dos teus olhos  
para olhar a vida.  
E rezei de lábios puros, de alma pura, uma oração diante da vida.

O pão nosso de cada dia  
dá-nos sempre, Mãe Alegria!  
Nunca uma gota amarga amargue a nossa boca,  
nem a do irmão sedento que nos pede de beber,  
que a nossa mão se abra mais para a esmola compassiva  
do que para colher ou receber.  
Mãe Alegria, que estás no céu das almas limpas,  
dá-nos o pão de cada dia,

dá-nos o sol primaveril do teu sorriso,  
Mãe Alegria!

Rezo, de mãos erguidas para a luz, a reza mansa  
diante da vida que enfeltaste para mim,  
ó meu refúgio bom, Senhora toda pura,  
clara bênção de amor descida sobre mim.

### IV

O amor é forte como a vida.  
Há sempre em nós um broto verde que espera a graça de uma flor.  
E a primavera, tarde ou cedo,  
chega num gesto, num sorriso  
ou numa palavra de amor.

Ó criatura compassiva,  
eu olhava desencantado a paisagem do desencanto,  
quando a tua voz cantou no meu ouvido,  
suave, embaladoramente,  
como uma canção de acalanto.

Vamos colher a vida que passa,  
numa ronda ingênua, meu amor.  
Vamos colher a nossa vida,  
como o perfume que se bebe  
na taça leve de uma flor.

Anda a roda, desanda a roda, da nossa vida, do nosso amor...

NOTA: O presente trabalho foi possível graças à valiosa colaboração do Sr. Júlio Petersen, que gentilmente colocou sua biblioteca à nossa disposição, permitindo-nos a consulta direta na Primeira Edição original de Novena à Senhora da Graça.